Os 50 Melhores Poemas Cristãos de JORGE de LIMA

Os 50 Melhores Poemas Cristãos de JORGE de LIMA

Organização e edição de Sammis Reachers

E-BOOK
GRATUITO

Os 50 Melhores Poemas Cristãos de Jorge de Lima
Organização e edição de Sammis Reachers
São Gonçalo: Poesia Evangélica, 2025.

ISBN: 978-65-01-65131-6

Conheça nossa Biblioteca Cristã Evangélica
(E-books gratuitos):
www.bit.ly/4fGn5TM

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 07
UMA CRÍTICA DA CRÍTICA 10

POEMAS
Poemas dos bons fradinhos de minha terra – 1 13

NOVOS POEMAS
Credo 15

POEMAS ESCOLHIDOS
Cristo Redentor do Corcovado 16
Poema de Natal 17
O Filho Pródigo 19

LIVRO DE SONETOS
Sei Teu grito profundo 21
Não procureis qualquer nexo 22
Tudo estancara 23
Vinte séculos de revolução 24

TEMPO E ETERNIDADE
Distribuição da poesia 25
Pelo voo de Deus quero me guiar 27
O poeta perdido na tempestade 29
O que não mudou 31
Lutamos muito 32
Poeta, poeta, não podes 33
O clamor que não para 34
Os ídolos se afogando 36
Amo a solidão 37
Quero ser ensinado por Deus 38
Vinde ó pobres 39

A divisão de Cristo 40
Os que virão nos camelos 41
O tormento 42
Uma coisa vos digo 43
Eu vos anuncio a consolação 44
Adeus, poesia 45
Os voos eram fora do tempo 46

A TÚNICA INCONSÚTIL

Poema do cristão 48
O manto do poeta 50
O homem – ser processional 52
A multiplicação da criatura 53
O poeta no Templo 54
As trombetas 56
Contemplação 57
A morte dos elementos 58
Das profundezas do pecado original 59
Restituo-me 60
Espírito Paráclito 61
E a nau navegou, navegou 64
O ventríloquo 65
As palavras ressuscitarão 66
Sabedoria 67
Cristo-Peixe 68
A promessa 69
Marta e Maria 70
Alta noite quando escreveis 71
No tempo dos Reis 72
O necessário auxílio na guerra 73
Cerimônia do lava-mãos 74
Invocação a Israel 75

ANUNCIAÇÃO E ENCONTRO DE MIRA-CELI
35 77
53 79
54 81
56 83

INVENÇÃO DE ORFEU
CANTO VI – Canto da Desaparição – 2 85
CANTO X – Missão e Promissão – 20 87

BIBLIOGRAFIA 88

APRESENTAÇÃO

Jorge de Lima (União dos Palmares–AL, 23 de abril de 1893 – Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1953), médico de formação, foi poeta, romancista, tradutor, crítico e pintor. Sua produção artística múltipla em temas, formas e interesses se inscreve na segunda geração do Modernismo brasileiro (1930 – 1945).

De seus inícios sob influência parnasiana, o autor avançou pelo regionalismo de ar nordestino até o modernismo, cujo ápice podemos ver em *Invenção de Orfeu,* tido como a obra-prima do autor e como um dos poemas máximos de nossa língua.

A cosmovisão cristã esteve presente desde seus primeiros livros. Sintomático é este trecho do poema *Louvado (Novos Poemas, 1929)*:

> Louvado seja o meu país cristão
> pelo tempo da Páscoa descoberto
> todo enfeitado como um céu aberto.
>
> Louvado seja esse Jesus d'aqui.
> Jesus camarada, Cristo bonzão
> a quem todo brasileiro ofende tanto
> contando sempre com o seu perdão.

Se o Jorge da maturidade é poeta do Cristo universal, de fecundidade escatológica sublime, foi e é também o do Cristo-ao-lado, do operário e do sertanejo, conforme vemos notadamente na primeira fase de sua obra, em versos dos livros *Poemas*, *Novos*

Poemas e *Poemas Escolhidos*. De tema bordejante no escopo de sua obra, a temática cristã logo avançaria para um lugar central.

Considerável impacto causou a publicação do livro *Tempo e Eternidade* (1935), obra a quatro mãos onde Jorge se associou a outro pilar de nosso modernismo, o também católico Murilo Mendes, entregando ao mundo uma poesia cristã com potência atemporal que segue e seguirá impactando e reverberando, com todo o seu poder místico, metafísico e crístico. A obra, cuja divisa ou mote, "*restaurar a poesia em Cristo*" se tornou famosa, marcou o retorno de fato e direito de Jorge à fé cristã de sua infância, fé que doravante jamais abandonaria.

Aqui reunimos aqueles que nos pareceram os melhores poemas cristãos dos livros de Jorge de Lima, tendo como eixos de eleição[1] o vigor de sua mensagem, a potencialidade devocional, a beleza poética, a clareza, e certa ecumenicidade: poemas passíveis de apreciação por cristãos de qualquer corrente, do católico ao protestante, e mais, por todo aquele que se abriga sob as asas de nossa língua. Língua da qual Jorge, o Jorge de *Poemas Negros*, de *Anunciação e Encontro de Mira-Celi*, de *Invenção de Orfeu*, sabedor e executor da máxima de que a beleza é competência da poesia, é um de nossos mestres.

A incontornável poética do menino de União dos Palmares, de simbolismo transcendente e fagulhas surrealistas, que faz dos problemas sociais matéria-prima enquanto celebra e destrincha o humano e o divino em linguagem densa, *profética*, avançando sempre em direção à iluminação, ao lúmen, é um maná para

[1] Se algum grande poema ficou de fora desta obra (e ficou), terá sido por não ter se enquadrado nos limites e propósitos da presente seleta.

nossos tempos ressequidos, sedentos da restauração que só pode ser obtida nos braços de Jesus.

UMA CRÍTICA DA CRÍTICA

Pode ser um exercício didático, mas igualmente constrangedor passear os olhos pela fortuna crítica sobre os versos ou o "período" cristão de Jorge de Lima. O constrangimento advém de uma "fortuna" miserabilizada, oriunda quase sempre de penas que vão de certa maioria hostil (qual seja, viciada), até simpatizantes os mais apáticos ou indivíduos, até onde alcançam, neutros em relação ao cristianismo. De lugares-comuns retóricos a volteios os mais malabares, é patético o desfile dos que se esforçam ora para culpabilizar o autor pelo "demérito" de sua poesia cristã, ora para diminuí-la (como se fosse possível!), ora ainda para desculpar-se, como "intelectuais", pelos estranhos versos e modos de seu companheiro de alta *intelligentsia*.

Arte "livre", arte "engajada". Essa é uma discussão vazia, movida ao ritmo de interesses sejam ideológicos, sejam ufanistas em relação à arte. Se há, sim, o verso mais perfunctoriamente cristão, no sentido "panfletário", o mais é a Arte (que não precisa de reificação, nem, doutro lado, ser isolada na Ilha de Utopia – por sinal uma ilha de praticidades!) se desdobrando sobre o pano de fundo de toda e qualquer *construção* humana: A cosmovisão do seu autor. Será perturbador até o pórtico da loucura para alguns, mas a arte não é maior que o mundo, nem maior que o homem – é só um de seus braços. E a arte não salva ninguém. Como então censurar este por escrever versos embasados em sua cosmovisão cristã, o agasalhando num oportuno uniforme depreciativo, sob a "acusação" de minoração e/ou impureza

artística, sacando da manga puída do paletó a velha carta da arte pura/arte engajada, quando aquele pensa, escreve, mastiga e arrota baseado em categorias aristotélicas, sem por isso ser censurado ou censurar-se como, hum, "helenizante" ou "helenizado"? Sim, seria ridículo. Para desconsolo do purista de conveniência, do açougueiro das ideias, reiteramos: não existe arte fora do homem e nem a "religião-Arte". Thomas Adams costumava dizer que, quando um homem quer fugir de Deus, Satanás logo lhe empresta tanto as esporas quanto o cavalo. Sob este prisma, que outra coisa mais que a arte terá sido feita de pégaso, de unicórnio transcendental de trânsfugas em queda, trânsfugas acreditando alar-se?

Um bosquímano fala e cria como bosquímano, um sikh como sikh, um cristão como cristão, um existencialista ou um marxista como lhes compete; dissociar carne dos ossos é matar o ente.

Se Jorge jamais foi o que certa crítica pretende por panfletário, subjaz uma outra censura: Não deveria o autor ter "moderado" seu discurso, evitando o tom tão explicitamente cristão nestes (naqueles) tempos (o Iluminismo foi logo ali!) modernos? A resposta é límpida: Jamais houve mensagem como a apresentada, representada e vivida por Cristo Jesus, centro de onde e para onde tudo converge; o cristianismo não possui a opção de não ser comunicado, sob o risco de *não ser*. Pedro e João, apóstolos de primeira hora, quando levados diante das autoridades para dar conta da tal mensagem subversiva que estava "*transtornando o mundo*" (Atos 17.6), instados a silenciarem sobre os ensinos de seu Mestre – ensinos desde ali e sempre inoportunos para os

poderosos –, asseveraram, ao risco da própria liberdade: "*Não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido*" (Atos 4.20). Jorge, para a honra e a glória de Cristo, também não pôde.

POEMAS

POEMAS DOS BONS FRADINHOS DE MINHA TERRA

1

Senhor tende piedade
de todos os que se humilham,
dos que choram, Senhor, dos que rilham os dentes,
tanta é a dor,
tanta é a desesperação!
De manhã fome, fome ao Sol-Pôr!
Senhor tende piedade dos suicidas,
dos vergastados na prisão!
Tende piedade dos leprosos,
dos que são execrados como Judas!
Tende piedade
de todas as dores não ouvidas
estertoradas pelas bocas mudas!
Senhor tende piedade de Caim,
dos criminosos
sem perdão!
Dos que passam pela vida sem
ter ouvido nunca um "*sim*"
nunca um "*vem*"
Senhor tende piedade!
Sem
vós toda humana miséria, não

terá nunca um fim,
todos os invejosos serão Judas,
todos os fratricidas
acorrentados às heranças rudas
de sangues cancerosos
e almas vencidas
serão,
Senhor,
a maldição
dos que rilham
os dentes, de impiedade,
sem jamais ter perdão!

NOVOS POEMAS

CREDO

Padre Nosso que estás no Céu,
perdi meu Credo que tu me deste.
Eu era menino: *Creio em Deus Padre...*
Que força me dava a tua oração!
Santa Maria, mãe de Jesus,
perdi as armas que Deus me deu!
Padre Nosso que estás no Céu,
santificado seja teu nome,
seja feita – a tua vontade,
e faze que eu ache meu credo de novo!
Eu era menino: *Creio em Deus Padre...*
Que força me dava a tua oração!
Santa Maria, mãe de Jesus,
procura pra mim, meu *Creio em Deus Padre*
Santa Maria, mãe de Jesus!

POEMAS ESCOLHIDOS

CRISTO REDENTOR DO CORCOVADO

O avo de minha avó
morreu também corcovado
carregando um Cristo de massaranduba
que protegia os passos vagarosos da família.

Arranjei velocidade.
Virei homem de cimento armado.

Adoro esse Cristo turista
de braços abertos
que procura equilíbrio
na montanha brasileira.

Os homens de Fé têm esperança nEle.
porque Ele é ligeiro, porque Ele é ubíquo,
porque Ele é imutável.

Ele acompanha o homem de cimento armado
através de todas as substâncias,
através de todas as perspectivas,
através de todas as distâncias.

POEMA DE NATAL

Ó meu Jesus, quando você
ficar assim maiorzinho
venha para darmos um passeio
que eu também gosto das crianças.

Iremos ver as feras mansas
que há no jardim zoológico.
E em qualquer dia feriado
iremos, então, por exemplo,
ver Cristo Rei do Corcovado.

E quem passar
vendo o menino
há-de dizer: ali vai o filho
de Nossa Senhora da Conceição!

– Aquele menino que vai ali
(diversos homens logo dirão)
sabe mais coisas que todos nós!
– Bom dia, Jesus! - dirá uma voz.

E outras vozes cochicharão:
– É o belo menino que está no livro
da minha primeira comunhão!

– Como está forte! - Nada mudou!
– Que boa saúde! Que boas cores!
(Dirão adiante outros senhores).

Mas outra gente de aspecto vário
há-de dizer ao ver você:
– É o menino do carpinteiro!
E vendo esses modos de operário
que sai aos Domingos pra passear,
nos convidarão para irmos juntos
os camaradas visitar.

E quando voltarmos
pra casa, à noite,
e forem pra o vício os pecadores,
eles sem dúvida me convidarão.

Eu hei de inventar pretextos sutis
pra você me deixar sozinho ir.
Menino Jesus, miserere nobis,
segure com foça a minha mão.

O FILHO PRÓDIGO

Nas engrenagens das fábricas
bolem como vermes – dedos decepados de operários.
Há intestinos rotos de crianças
nos vai-e-vens do correiame das oficinas.
A cor e a alegria das moças empregadas
dissolvem-se na algazarra monótona dos teares.
O avião comeu a saudade das mães
que a distância separou dos filhos vagabundos.
Há máquinas que cegam os adolescentes
ansiosos de ver o progresso do mundo.

Um homem teve medo de enlouquecer
perseguido pela força e pelo orgulho
das máquinas assassinas.

Cadê a luz trêmula de vela
pra alumiar o meu poema antigo?
O lirismo perdeu a sua liturgia.

As lâmpadas Osram velam funebremente a poesia.
Ah! que existe uma tristeza na terra
que nem lágrimas produz
de sua esterilidade tão seca.

Eu sou um corpo distraído.

Boiam os meus olhos pelas superfícies.
Mas os meus olhos correm mais perigo

do que se andassem em acrobacias contemplativas
pulando no céu alto, perto das estrelas.

Vovozinha venho de longe
ando há muitos séculos a pé.

Ensina-me de novo a ficar de joelhos,
que já é tarde e eu quero me deitar.

LIVRO DE SONETOS

Sei Teu grito profundo, e não me animo
a cortar a raiz que a Ti me embasa.
Em mão mais primitiva não me arrimo
devo-Te tudo, origem, patas e asas.

Permite que eu revele história e limo
sem desobedecer a Tua casa.
Nazareno dos lagos, lume primo,
atende à pobre enguia de águas rasas.

Se desses versos outro lume alar-se
misturado com os Teus em joio e trigo,
sete vezes por sete me perdoa.

Ó Desnudado, é meu todo o disfarce
em revelar os tempos que persigo
– na vazante maré com inversa proa.

Não procureis qualquer nexo naquilo
que os poetas pronunciam acordados,
pois eles vivem no âmbito intranquilo
em que se agitam seres ignorados.

No meio de desertos habitados
só eles é que entendem o sigilo
dos que no mundo vivem sem asilo
parecendo com eles renegados.

Eles possuem, porém, milhões de antenas
distribuídas por todos os seus poros
aonde aportam do mundo suas penas.

São os que gritam quando tudo cala,
são os que vibram de si estranhos coros
para a fala de Deus que é sua fala.

Tudo estancara. Eu mesmo. Do alto vi-me:
Um coração sangrava sobre as pedras.
Vi afinal que um pobre ser abjeto
Um crime cometera. Reconheci-me.

Clamei então: Meu Deus, Meu Deus, parti-me,
jogai o meu cadáver aos insetos,
envolvei-me de cinza, ó Deus, feri-me
os olhos para que eu me torne cego.

E o Senhor Deus ungiu-me todo em cinza
e mergulhou-me as órbitas em treva.
Depois, ó Deus, chorastes sobre mim.

E deste pobre rebotalho de Eva
para Vossa grandeza renasci-me:
Que à Vossa complacência não há crime.

Vinte séculos de revolução
e inda há fome do pão que é a poesia.
Quando tento saciá-la, tento em vão:
é meu ritmo perene, noite e dia.

Cristo, quero escutar Teu coração:
pendo a cabeça e escuto-o. Essa agonia
de fazer o poema, essa paixão,
na Última Ceia começou. Seria.

um de nós... um de nós era suspeito,
um de nós entre os doze Te trairia.

E sob o peso dessa suspeição,

repousei a cabeça no Teu peito.
E esse ritmo de vida que eu ouvia
era o ritmo de fome deste pão.

TEMPO E ETERNIDADE

DISTRIBUIÇÃO DA POESIA

Mel silvestre tirei das plantas,
sal tirei das águas, luz tirei do céu.
Escutai meus irmãos: poesia tirei de tudo
para oferecer ao Senhor.
Não tirei ouro da terra
nem sangue de meus irmãos.
Estalajadeiros não me incomodeis.
Bufarinheiros e banqueiros
sei fabricar distâncias
para vos recuar.
A vida está malograda,
creio nas mágicas de Deus.
Os galos não cantam,
a manhã não raiou.
Vi os navios irem e voltarem.
Vi os infelizes irem e voltarem.
Vi homens obesos dentro do fogo.
Vi zigue-zagues na escuridão.
Capitão-mor, onde é o Congo?
Onde é a Ilha de São Brandão?
Capitão-mor que noite escura!
Uivam molossos na escuridão.
Ó indesejáveis, qual o país,
qual o país que desejais?
Mel silvestre tirei das plantas,

sal tirei das águas, luz tirei do céu.
Só tenho poesia para vos dar.
Abancai-vos meus irmãos.

PELO VOO DE DEUS QUERO ME GUIAR

Não quero aparelhos
para navegar.
Ando naufragado,
ando sem destino.
Pelo voo dos pássaros
quero me guiar.
Quero Tua mão
para me apoiar,
pela Tua Mão
quero me guiar.
Quero o voo dos pássaros
para navegar.
Ando naufragado,
ando sem destino,
quero Teus Cabelos
para me enxugar!
Não quero ponteiro
para me guiar.
Quero Teus Dois Braços
para me abraçar.
Ando naufragado,
quero Teus Cabelos
para me enxugar.
Não quero bússolas
para navegar,
quero outro caminho
para caminhar.
Ando naufragado,

ando sem destino,
quero Tua Mão
para me salvar.

O POETA PERDIDO NA TEMPESTADE

Numa noite longínqua eu acordei
com o tremendo rumor da ventania.
Que é isso meu Deus? Olhei o céu,
e o vento forte me ensopou de chuva.
Vinha com o vento um bruhaha de vozes.
Donde vinham essas vozes eu não sei.
O meu navio se perdeu e entrei
na mais negra confusão do mundo.
A tempestade, Senhor! A tempestade
com a vossa força arrebatava o mundo.
Eu era pequenino ante a violência,
ante o choque brutal da vossa ira.
Eu não podia me ajoelhar, Senhor,
eu só podia cair e eu caí.
Fui arrastado pela vossa força
como aspirado pelo vosso hálito.
A tempestade, Senhor! A tempestade
mais do que a tempestade a vossa ira.
a vossa majestade, a vossa face.
Eu não podia ver a vossa face!
As trombetas soaram: homens e árvores,
bichos e águas pelos ares densos
foram arrancados pela grande força.
No espaço eu divisei o medo bruto
dos cavalos caídos na voragem,
as crinas reluzentes, desgrenhadas,
e seus torvos relinchos pelos ares.
Vi as folhas das plantas como loucas

se agarrando nos galhos decepados.
Até o próprio vento tinha medo,
uivando, uivando como um jaguar.
Lá em baixo era uma gota, gota apenas
o mar, o grande mar, o imenso mar.
E toda a humanidade, todas as feras
no horror supremo dessa confusão,
o instinto de viver perdendo então
nem homens e nem feras eram mais,
eram qualquer coisa além da vida,
além da morte, além da morte.
Eu queria encontrar os meus sentidos,
eu queria encontrar-me e não podia.
Eu não podia me ajoelhar, Senhor.
Eu só podia cair. Vós não deixastes.

O QUE NÃO MUDOU

A noite desabou sobre o cais
pesada, cor de carvão.
Uivam cães na escuridão.
Quando o dia se elevar
outras sombras cairão.
Todas as coisas mudarão.
Glória Àquele que não mudou.
As sombras se despenharam
pesadas cor de carvão.
A geografia mudou.
Glória Àquele que não mudou.
As estrelas já morreram.
O velho tempo secou.
Na Glória eterna caminha
Aquele que não mudou.

LUTAMOS MUITO

Lutei convosco, fiquei cansado,
fiquei caído. Quando acordei
Tu me ungiste, Tu me elevaste.
Tu eras meu pai e eu não sabia.
Eu sofri muito. Furei as mãos.
Ceguei. Morri. Tu me salvaste.
Eu sou teu filho e não sabia.
Lutamos muito: eu Te feri.
Perdoa Pai, pensai meus olhos:
eu era cego e não sabia.

POETA, POETA, NÃO PODES

Desarrumar as terras do mundo.
Poeta, podes fazer.
Arrumar sem limites de pátria!
Poeta, podes fazer.
Derramar azeite no mar,
plantar flores no topo dos montes,
plantar trigo nos vales do mundo.
Poeta, podes fazer.
Abrandar os tufões dos espaços,
acabar com os tiranos do mundo.
Poeta, podes fazer.
Extinguir a palavra de Deus,
afastar a Verdade da Terra.
Poeta não podes fazer.

O CLAMOR QUE NÃO PARA

– Que clamor é esse que não para,
que vem de cima,
que não para?
– Sabei: é o progresso que não para.

– O progresso é lá de baixo,
esse clamor é de cima.
Que clamor é esse que não para?

– Sabei: é a muralha do horizonte
que se vai desmoronando,
são as pirâmides do Egito
que o mar está solapando.
É o progresso que não para.

Essas forças vêm dos lados,
o grande clamor é de cima.

– Que clamor é esse que não para
que vem de cima, que não para?
– Sabei: – é o mar que está retirando
os ossos dos santos poetas.
São os homens neles tocando
de repente despertando.

– Que clamor é esse que não para?
– Sabei: são as coisas se formando.
– As coisas não são reais

e esse clamor é profundo.

Sabei: é o Marceneiro trabalhando,
é vossa mão escrevendo,
é o sol que está se queimando,
os mistérios se acabando,
o fim de tudo chegando.

– Que clamor é esse que não para?
É a barca de Cristo andando.

OS ÍDOLOS SE AFOGANDO

Do Oriente ao Ocidente, perto do sol,
estendamos uma túnica branca de braços abertos
para significar: vinde a mim os que não conhecem pátria,
os que não sabem geografia nem contas de somar.
E nas últimas vertentes da terra, para além do Himalaia
erijamos uma muralha que toque na águia mais alta.
Em suas pedras encerraremos os mortos do mundo:
cada qual com uma ave de altivo voo
como símbolos que o presente não alcança ainda.
Poderemos olhar de cima os tempos em que Jeremias
chorou as tardes corrutas e ver os campos de Boaz
cheios de colheitas e de vozes.
Veremos os raios das estrelas varando os dias de sol
e iluminando virgens de tranças.
O canto dos profetas ressoará de baixo
e encherá a noite amiga sem crimes e sem detetives.
Não veremos ídolos
porque os ídolos se afogaram nos rios rasos da planície.
O Homem Público vai ao albergue de Emaús,
vai às bodas de Caná,
conspira nos lagos com os trabalhadores.
O Homem Público faz a revolução sem ódio.

AMO A SOLIDÃO

Gosto de andar nos desertos imensos
pelas sarças sagradas, vendo as tardes
cheias de cordeiros e de mulheres morenas
que vão buscar água nas cisternas distantes
onde moram as estrelas do ocaso.
Gosto de ir pelos lagos onde a verdade ainda mora
e a universal rede de Cristo colhe peixes nas águas.
Amo a solidão das montanhas donde a palavra descia
e o gesto bom descia para as crianças pobres.
Amo clamar a Deus nessas tardes longínquas
cheias de salmos e de camelos mansos.
Amo a velha paisagem bíblica
que inda há de baixar sobre a terra cansada
para o sossego dos olhos esmagados.
Amo as terras de Deus onde os profetas andaram
e onde meu pacto fiz com a suprema Presença
e serei holocausto ante a Força das forças.

QUERO SER ENSINADO POR DEUS

De que ponto sopra o vento das instabilidades?
Que cansaço de contemplar as pátrias!
Quero o antecedente, quero o fim.
Quero ser ensinado por Deus.
Ciência não me satisfaz.
Mundo não me satisfaz.
Diabo não me distrai.
Quero ser ensinado por Deus.
Os apoios terrestres são frágeis.
As montanhas são fracas demais.
Dai-me a vossa Mão para sair do vácuo.
Deus me degole do mundo.
Carne não me satisfaz.
Não conheço coisas necessárias.
Quero ser ensinado por Deus.
Tudo é casual nesse charco.
Quero ser ensinado por Deus.

VINDE Ó POBRES

Vinde os possuidores da pobreza,
os que não têm nome no século.
Vinde os homens de contemplação.
Vinde os que têm a linguagem mudada.
Vinde os forasteiros e vagabundos.
Vinde os homens descalços e os que têm
os olhos cheios de espantos.
Jesus Cristo – Rei dos reis
os vossos pés quer lavar,
o filho do marceneiro
não vos pode abandonar.

A DIVISÃO DE CRISTO

Dividamos o Mundo em duas partes iguais:
uma para portugueses, outra para espanhóis:
Vêm quinhentos mil escravos no bojo das naus:
a metade morreu na viagem do oceano.
Dividamos o Mundo entre as pátrias.
Vêm quinhentos mil escravos no bojo das guerras:
a metade morreu nos campos de batalha.
Dividamos o mundo entre as máquinas:
vem quinhentos mil escravos no bojo das fábricas,
a metade morreu na escuridão, sem ar.
Não dividamos o mundo.
Dividamos Cristo:
todos ressuscitarão iguais.

OS QUE VIRÃO NOS CAMELOS

Pobres de espírito os que julgam a Lei pelos homens da lei,
a Igreja pelos homens da Igreja,
a eternidade por um trapo de tempo.
Pobres os que não têm perspectiva
e são fortes de ódio para dominar.
Pobres os que iluminam os falsos dias
e são fugazes como as tempestades.
Pobres os que enfraquecem o espírito
e não têm joelhos para ajoelhar.
Pobres os que não passarão
onde os camelos atravessarão.
Pobres os que não veem o que ficou atrás,
e o que há de vir, quando as portas baterem.
Pobres os que não conhecem
um minuto sequer de poesia.
Pobres esses pobrezinhos.
Misericórdia, Senhor, para esses pobres.

O TORMENTO

Na sétima lua edifiquei a porta grande da casa do Senhor
e mandei traçar nos muros exteriores os exemplos do céu.
E ensombrei de nuvens gordas o recinto dos povos.
Quebrei as estátuas de Baal, para evitar as calamidades surdas,
equipei as frotas sagradas e mandei-as partir:
renovei a aliança com a suprema Presença,
e ela uma noite me ofereceu um sinal.
Compreendi a grande significação dos mistérios
para saber que nesse mundo apagado,
as verdades são nulas, o real está além.
Mandei buscar num país muito longe
o filho dum ourives para gravar silêncios.
Abri o livro diante do povo
pensando que o povo estava no nível do Alto.
Mas o povo não pôde enxergar os silêncios do livro.
Nem suportar a claridade esquisita que das páginas saía.
Baixei a cabeça no maior dos desânimos.
E o tempo me chamou para morrer.
A eternidade me chamou para viver: irei.

UMA COISA VOS DIGO

Cristo, essa luta pela Bem-Amada,
essas fugas tremendas,
essas sedes de poesia,
essas viagens pela eternidade,
essas descaídas de montanha abaixo,
são a via sinuosa para Vós.
Adoremos o Senhor – o Semeador, adoremo-Lo.
Adoremos o Senhor dono do Templo, adoremos.
Uma só coisa é que digo: Cristo é o primeiro dia.
Cristo é além do último dia.
Cristo conservou o meu espírito.
Cristo renovará o meu espírito depois do último dia.
Cristo eu vos dou as minhas montanhas,
a minha loucura, as partículas de minha poesia,
a minha imensidade pequena, as minhas estrelas humildes.
A vossa lei é de muitas maneiras Cristo e eu não sei.
Andamos às apalpadelas e desatinados como loucos.
Andamos distraídos de Vós.
Andamos fazendo poesia.
Andamos à toa como visões noturnas.
Uma coisa tenho falado e sei que é Verdade:
Cristo caminha por cima do mar,
Cristo nasceu no primeiro dia,
Cristo nasceu para reinar.
Trema todo o universo à sua Presença.

EU VOS ANUNCIO A CONSOLAÇÃO

1 – Os pobres que só têm sua pobreza
e nada mais;
os moribundos que contam só com o seu fim
e nada mais;
os fracos que só possuem sua fraqueza
e nada mais,
podem andar sobre as águas do mar.

2 – Os que têm rebanhos de máquinas,
os que estão pesados de crimes e de ouro
ou de ódio ou de orgulho;
esses se afundarão.

3 – Chamaremos um que a guerra comeu quase todo
e só deixou os joelhos caídos no chão.
Esse correrá mais depressa que a luz.

4 – Chamaremos um que apagou a vida que Deus lhe entregou,
e a ruindade da terra estragou com seus vícios.
Esse, Deus lhe dará uma vida de novo.

5 – Chamaremos um que avistou o primeiro minuto. E morreu.

6 – Um que queria sorrir e nasceu sem ter lábios.

7 – Esses serão consolados.
Esses ficarão à direita da Mão.

ADEUS, POESIA

Senhor Jesus, o século está podre.
Onde é que vou buscar poesia?
Devo despir-me de todos os mantos,
os belos mantos que o mundo me deu.
Devo despir o manto da poesia.
Devo despir o manto mais puro.
Senhor Jesus, o século está doente,
o século está rico, o século está gordo.
Devo despir-me do que é belo,
devo despir-me da poesia,
devo despir-me do manto mais puro
que o tempo me deu, que a vida me dá.
Quero leveza no vosso caminho.
Até o que é belo me pesa nos ombros,
até a poesia acima do mundo,
acima do tempo, acima da vida,
me esmaga na terra, me prende nas coisas.
Eu quero uma voz mais forte que o poema,
mais forte que o inferno, mais dura que a morte:
eu quero uma força mais perto de Vós.
Eu quero despir-me da voz e dos olhos,
dos outros sentidos, das outras prisões,
não posso Senhor: o tempo está doente.
Os gritos da terra, dos homens sofrendo
me prendem, me puxam – me dai Vossa mão.

OS VOOS ERAM FORA DO TEMPO

1° – As mágicas que a Graça do Senhor faz são Poesia.

2° – Vi dos centauros caírem cascos, saírem asas.

3° – As mágicas que a Graça do Senhor faz são Poesia.
Vi o ladrão entrar com o Filho de Deus na Luz.

4° – Um homem ficou cego, ficou sábio, ficou santo
indo para Damasco.

5° – A Graça do Senhor, a Musa do Senhor, a Poesia do Senhor
são além do espaço, além do tempo.
Bendita a eterna Poesia.

6° – A vaga insolente subiu. A Graça do Senhor me defenda.

7° – Vi as praias cheias de ossos estranhos. Ainda estou de pé pela Graça de Deus. As árvores estão de pé, as montanhas estão de pé, a igreja do Senhor estará de pé.

8° – Um cego viu a Luz, um mudo falou Poesia, um surdo ouviu Poesia.

9° – Uma camponesa viu a Virgem. Então nasceu uma fonte.

10° – Espreitemos o movimento das águas. Eu tenho o gosto da morte na boca.
Quero dobrar os meus joelhos e o meu espírito.

11° – A Graça me concedeu o gosto da Vida, a vida que nomeio não é daqui.
As mágicas que a Graça do Senhor faz são Poesia.

12° – Vi dos centauros caírem cascos, saírem asas.

13° – Das asas saírem voos.
Os voos eram fora do mundo.

A TÚNICA INCONSÚTIL

POEMA DO CRISTÃO

Porque o sangue de Cristo
jorrou sobre os meus olhos,
a minha visão é universal
e tem dimensões que ninguém sabe.
Os milênios passados e os futuros
não me aturdem, porque nasço e nascerei,
porque sou uno com todas as criaturas,
com todos os seres, com todas as coisas
que eu decomponho e absorvo com os sentidos
e compreendo com a inteligência
transfigurada em Cristo.
Tenho os movimentos alargados.
Sou ubíquo: estou em Deus e na matéria;
sou velhíssimo e apenas nasci ontem,
estou molhado dos limos primitivos,
e ao mesmo tempo ressoo as trombetas finais,
compreendo todas as línguas, todos os gestos, todos os signos,
tenho glóbulos de sangue das raças mais opostas.
Posso enxugar com um simples aceno
o choro de todos os irmãos distantes.
Posso estender sobre todas as cabeças um céu unânime e
estrelado.
Chamo todos os mendigos para comer comigo,
e ando sobre as águas como os profetas bíblicos.
Não há escuridão mais para mim.
Opero transfusões de luz nos seres opacos,
posso mutilar-me e reproduzir meus membros, como as estrelas
do mar,

porque creio na ressurreição da carne e creio em Cristo,
e creio na vida eterna, amém!
E, tendo a vida eterna, posso transgredir leis naturais:
a minha passagem é esperada nas estradas;
venho e irei como uma profecia,
sou espontâneo como a intuição e a Fé.
Sou rápido como a resposta do Mestre,
sou inconsútil como a Sua túnica,
sou numeroso como a sua Igreja,
tenho os braços abertos como a sua Cruz despedaçada e refeita
todas as horas, em todas as direções, nos quatro pontos cardeais;
e sobre os ombros A conduzo
através de toda a escuridão do mundo, porque tenho a luz eterna nos olhos.
E tendo a luz eterna nos olhos, sou o maior mágico:
ressuscito na boca dos tigres, sou palhaço, sou alfa e ômega, peixe, cordeiro, comedor de gafanhotos, sou ridículo, sou tentado e perdoado, sou derrubado no chão e glorificado, tenho mantos de púrpura e de estamenha, sou burríssimo como São Cristóvão, e sapientíssimo como Santo Tomás. E sou louco, louco, inteiramente louco, para sempre, para todos os séculos, louco de Deus, amém!
E sendo a loucura de Deus, sou a razão das coisas, a ordem e a medida:
sou a balança, a criação, a obediência;
sou o arrependimento, sou a humildade;
sou o autor da paixão e morte de Jesus;
sou a culpa de tudo.
Nada sou.
Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam!

O MANTO DO POETA

E o manto do poeta lhe foi dado frente a frente
e investido pelas próprias mãos do Senhor.
E o manto era talar e por fora tinha cordas de harpa
para transmitir a todas as gerações
o som de seus gestos e de seu andar.
E era belíssimo o manto do poeta
e era obra de grande engenho:
e era de fio de escarlata com o número de suas tribos,
com os sete dias da criação e a simbologia de suas musas.
Traje tão imponente e tão sábio nunca houve antes dele
desde o primeiro homem.
Dele nenhum vivente fora investido fora de seus iguais.
E abaixo do manto havia a túnica interior
em que o livre arbítrio permitia a inscrição das insígnias opostas.
E abaixo da túnica, havia a pele abrigando o sexo em todos os poros;
mas um manto de pequenas chamas tornava-o sem mácula
como um santo dentro da Graça.
E abaixo da pele existia vinho e pão da eterna Transubstanciação.
E dentro havia os ossos e os ossos já eram o pó em que reverteria no fim.
E Deus vendo que o manto se ajustava à sua criatura,
achou tudo muito bom e soprou-lhe de novo nos olhos
e lhe prometeu sua túnica inconsútil.
Em vão a mulher de Potifar lhe puxará o manto
quando ele decifrar os sonhos de Faraó.
Mas ele depositará o seu manto para a sua Musa pisar.
Mas enxugará com ele as lágrimas dos pobres ou os pés de seus

discípulos
ou retirará a sua cinta para enxotar os cínicos
ou o enfunará como uma vela imensa que o levará pela rota de
Elias.

O HOMEM – SER PROCESSIONAL

Junto de ti, homem, ser processional que só vês tua sombra,
pousa a mão no teu ombro o Anjo que te protege.
Mas, ora esvoaça à direita, ora esvoaça à esquerda
o grande e belo Anjo exilado da Luz.
Adiante de ti – perfurada e sangrando,
a mão do Redentor te aponta o caminho certo;
dentro de ti – seres anteriores a ti, – luminosos ou negros
vão contigo e tua sombra.
Quando adormeces e ficas durante o sono – invisível e inocente,
e o livre arbítrio voa de teu cadáver,
a estranha procissão espera que tu te acordes
para prosseguir a marcha.
Por isso é que te cansas sem motivo nenhum.
Por isso é que andas de costas para o caminho certo.
Por isso é que tropeças e tateias como um ser sem leme.
Por isso quando pensas estar sobre o abismo do Inferno,
a mão perfurada e sangrenta te conduz para cima.

A MULTIPLICAÇÃO DA CRIATURA

Parece, Senhor, que me desdobrei,
que me multipliquei,
que a chuva dos céus cai dentro de minhas mãos,
que os ruídos do mundo gemem nos meus ouvidos,
que batem trigo, chorando, sobre o meu tronco nu,
que cidades se incendeiam dentro de minhas órbitas.
Parece, Senhor, que as noites escurecem dentro de meu ser
múltiplo,
que eu falo sem querer por todos os meus irmãos,
que eu ando cada vez mais em procura de Ti.
Parece, Senhor, que tu me alongaste os braços
à procura de abóbadas raras e iluminadas,
que me estiraste os pés repousantes no Limbo,
que os pássaros cansados em meus ombros repousam
sem saber que o espantalho é a Semelhança Tua.
Parece que em minhas veias
correm rios noturnos
em que barqueiros remam contra marés montantes.
Parece que em minha sombra
o sol desponta e se deita,
e minha sombra e meu ser
valem um minuto em Ti.

O POETA NO TEMPLO

O poeta no Templo é um ser velocíssimo
e ele próprio é um templo que penetra outro templo.
O poeta se enfurece mesmo dentro do Templo
porque vê os mercadores dentro da casa do Pai.
O poeta se impacienta dentro da casa do Pai
quando ouve as lamentações dos que esperavam Deus.

O poeta nunca repousa quando penetra o Templo:
Ele se senta com Cristo à direita do Pai,
ele desce aos infernos e ressurge dos mortos.
Ele fala palavras que são palavras do Pai.
Ele fala palavras que são palavras do Filho.
Todos os seus pensamentos são pensamentos do Espírito.

O poeta dentro do Templo usa duas coroas juntas:
uma de espinhos, outra de Rei do mundo.
Ele muda de mantos de momento a momento,
ele come o Pão ázimo sem fermento nenhum,
ele dança, ele canta, ele é ator de Deus.

O poeta dentro do Templo é uma multidão de vozes,
uma multidão de gestos, é uma multidão de passos
indo e vindo com Cristo antes do Mestre nascer,
indo e vindo com o Mestre antes do mundo nascer.

O poeta no Templo tem dimensões crescentes,
desdobra-se vários milhões de vezes,
vem de Ur para Roma; e em Roma:

Tu és pedra! E ele se transforma em pedra
e adormece na pedra e sobe na escada ao Céu.

O poeta no Templo come gafanhoto e mel
e anuncia às nações o Pastor dos pastores.
O poeta no Templo tem a visão de Patmos:
da cidade sem Templo, porque o Templo é o Senhor
e o Cordeiro é sua lâmpada iluminando o mundo.

AS TROMBETAS

Ouço o baque dos Anjos precipitados
cavando vales na terra.
Vejo do ventre primeiro, da Eva, da Madre,
os cordões umbilicais enleando os seres até hoje.
E ouço o clamor das trombetas
acompanhando a queda das asas.
E em cada cordão que se rompe,
ressoa no choro nascente
a memória das trombetas.
E ouço outras trombetas e outras quedas e outros baques,
e sempre o sangue jorrando
e sempre o som legendário
reboando pelos vales.
Mal se extingue no ar a trombeta do anjo das guerras
nos vales coagulados de sangue;
nos antípodas dos vales, – novas trombetas anunciam
o choro dos que vão nascer para batalhar,
dos que vão nascer para se acabar.
Ouço as trombetas finais reunindo
os meus membros esfacelados na morte.
Serei leve.
Sereis leves – corpos ensanguentados que subireis do Vale
ao clangor majestoso das trombetas finais.

CONTEMPLAÇÃO

– Se és cego de nascença ou cegaste lutando, crê!
E então a visão voltará; e tu hás de sofrer vendo sofrer o mundo;
porém, pede mais, pede contemplação:
E a grande Face descerá quando dormires, e ficarás um ser
estranho,
com cem órbitas cobrindo tua pele bruta;
e não poderás caminhar mais entre os homens para não
os atropelares com tuas visões terríveis,
com as rodas aladas que te transportarão aos montes
onde as sarças sagradas ardem sob o divino Rosto.
Mas o fogo do Inferno há de vir te caldear
ou te extinguir ou te experimentar também.
E serás entregue aos areais desertos
que arderão a teus pés com uma fogueira imensa.
E se não te desviares da divina Presença
serás o aço de Deus,
serás o espelho divino
que refletirá a luz sobre o mundo apagado.

A MORTE DOS ELEMENTOS

E há de vir um dia em que a Terra que acolheu teu cadáver
será vazia como um cemitério.
E da água que te batizou e te matou a sede não restará uma gota.
E o ar não envolverá a terra nem as águas;
e junto aos três elementos que tantas vezes na Vida
nem te deram prazer, nem te deram pesar,
indiferentes a ti como se não existissem;
só o fogo, o forte fogo invencível
pode acompanhar teu espírito e envolvê-lo.
E chorarás em vão e rangerás teus dentes.

DAS PROFUNDEZAS DO PECADO ORIGINAL

Ó pais primitivos que das profundezas do pecado original
me transmitistes o vosso sangue revoltado
que corre nas minhas vísceras,
que corrompe as minhas mãos,
que cega os meus olhos e o meu entendimento,
quanto vos sou semelhante, como sou uma perfeita imitação de vós,
como morro de vossa morte, como sofro de vossa ambição,
como me pertence o vosso erro!
Na noite tenebrosa em que me pusestes, ó pais errantes e pródigos,
me transmitistes a dúvida no Senhor,
me ocultastes a Face do Senhor, e perdestes a casa
para onde eu devia voltar!
Ó pais primitivos,
que me enviastes para uma existência que eu não solicitei,
e para a qual cheguei nu, humilhado e chorando,
eu vos perdoo pelo sangue de Cristo que me obrigastes a derramar,
pela traição de Judas meu irmão e teu filho,
pela negra expiação que me esmaga na Terra!

RESTITUO-ME

Estende a Tua mão, agora, que ninguém notará:
sem desespero e sem mágoa me restituirei a Ti.
Não te devolverei minha Figura sangrando,
nem também paralisada sob o sopro da morte:
Mas os pés fatigados de tanto caminho errado,
mas as mãos abatidas de tanta procura vã,
mas os olhos sem brilho que adiante das mãos viram a decepção.
Estende a tua imensa Mão e ninguém notará
que entre milhões de homens,
um Elias anônimo, sem função no teu reino
desapareceu para sempre
sufocado de pó, sobre um tufão de cinzas.

ESPÍRITO PARÁCLITO

Queima-me Língua de Fogo!
Sopra depois sobre as achas incendiadas
e espalha-as pelo mundo
para que a tua chama se propague!
Transforma-me em tuas brasas
para que eu queime também como tu queimas,
para que eu marque também como tu marcas!
Esfacela-me com tua tempestade,
Espírito violento e dulcíssimo,
e recompõe-me quando quiseres
e cega-me para que os prodígios de Deus se realizem,
e ilumina-me para que tua glória se irradie!
Espírito, tu que és a boca de todas as sentenças,
toca-me para que os meus irmãos desconhecidos e longínquos e estranhos,
compreendam a minha fala para todos os ouvidos que criares!
Exceder-me-ei em meus limites,
crescerei em todas as distâncias,
serei a palavra transcendente, a profecia, a revelação e as realidades!
Devora-me, renova-me, ressurge-me em tua vontade criadora
diante da morte e diante do nada!
Aguça a minha intuição,
descansa em minhas pupilas,
agita a minha lentidão,
faze-me numeroso como tu,
cobre todo o meu corpo de pálpebras que espreitem todas as latitudes e longitudes
e expectativas e anunciações e partos e concepções
e gerações e séculos de séculos!
Ressurgirei de todos os ventres
e voarei no sentido da perpetuidade sobre as águas e sobre as

terras!
Desata-me Espírito Paráclito! Corta os meus laços,
sopra a terra que há sobre a minha sepultura!
Enche-me de tua verdade e sagra-me teu moderno apóstolo!
Amo como poeta a forma com que te apresentaste
à assembleia do Cenáculo!
E sinto a tua presença,
a tua aproximação, a tua unção sobre a minha alma!
Dá-me tua fecundidade sobrenatural,
tua heroicidade e tua Luz!
Unge-me teu sacerdote,
teu soldado, teu vinho, teu pão,
tua semente, tuas perspectivas!
Espírito Paráclito, dedo da direita do Pai,
soergue as minhas pálpebras descidas e sopra sobre elas o teu hálito e tua essência!
Espírito Paráclito, amo-te, com os meus cinco sentidos,
com a minha imaginação,
com a minha memória e com os outros dons poéticos e proféticos e reconstituidores
que ultrapassam minha espessa matéria e meu espírito translúcido!
Sou teu ramo de oliveira que trazes dos dilúvios constantes da humanidade
e cujo óleo ungirá os meus iguais e os desiguais do meu tamanho!
Espírito Paráclito, tu que és o único pássaro que desce sobre mim na minha noite untuosa,
fura os meus olhos para que eu veja mais,
para que eu penetre a unidade que tu és,
a liberdade que tu és,

a multiplicidade que tu és,
para eu subir de minha pequenez e me abater em ti!

E A NAU NAVEGOU, NAVEGOU

E aconteceu naquela noite em que o poeta dormiu só,
sem o calor da companheira para lhe encher os sonhos,
sem o rumor da cidade poluída, lá embaixo,
sem a fala do amigo que o acordasse às pressas;
ter um estranho sonho que lhe foi permitido contar:
e foi que havia inventado um navio para atravessar o mar.
E Deus tendo visto que na terra
ainda havia um homem capaz de inventar uma nau,
deu-lhe o dom de navegar e de descobrir o mundo
e o poder de amansar e circunscrever o vento:
e sob o braço estendido do Senhor
o poeta conseguiu impor a lei às águas
e suspender a âncora e alçar as velas.
E lhe foi ordenado não levar seres vivos
sendo um casal de cada espécie ou cada raça,
ou em qualquer outra diferenciação
porque os homens divididos já não são irmãos!
E o navio não possuía escravos
nem no leme, nem nos remos, nem no bojo sombrio,
e só os homens da bússola orientavam a nau;
o sopro que a impelia era o Vento de Deus
com que o homem fizera todas as descobertas,
pois Ele tinha visto que ainda existia um homem
capaz de navegar e descobrir o mundo!

O VENTRÍLOQUO

Debruça-te sobre tua voz para escutá-la:
tua voz existiu antes de tua forma.
Se o alarido do mundo não te permite entendê-la,
vai para o deserto,
e então a ouvirás com a inflexão inicial das palavras do Verbo
e com a fecundidade do Gênese ante o *Fiat* do Pai.
Ouve a tua voz sobre a montanha para que o divino eco
atravesse os milênios
e reboe dentro de ti que és o templo de Deus!
Na tua voz adulta ainda existe o acalanto de tua ama
e o balanço de teu berço.
Ainda há apelos que vêm da alcova de teus pais,
ainda há os convites do instinto de tua juventude.
Debruça-te sobre tua voz e escuta as vozes que vêm nela,
as ressonâncias de ti próprio que nasceram contigo,
os bramidos dos ventos nas tuas velas rotas,
a risada do diabo diante de teus desastres.
Ouve a tua voz sobre o dorso do mar
onde ela flutuou no começo das coisas
e a água a concebeu e se tomou fecunda.
Ouve a tua voz entre as massas humanas
que como o mar se tornarão fecundas
e espalharão a palavra do Livro
pelas águas e pelos continentes.

AS PALAVRAS RESSUSCITARÃO

As palavras envelheceram dentro dos homens
separadas em ilhas,
as palavras se mumificaram na boca dos legisladores;
as palavras apodreceram nas promessas dos tiranos;
as palavras nada significam nos discursos dos homens públicos.
E o Verbo de Deus é uno mesmo com a profanação dos homens de Babel,
mesmo com a profanação dos homens de hoje.
E, por acaso, a palavra imortal há de adoecer?
E, por acaso, as grandes palavras semitas podem desaparecer?
E, por acaso, o poeta não foi designado para vivificar a palavra de novo?
Para colhê-la de cima das águas e oferecê-la outra vez aos homens do continente?
E, não foi ele apontado para restituir-lhe a sua essência,
e reconstituir seu conteúdo mágico?
Acaso o poeta não prevê a comunhão das línguas,
quando o homem reconquistar os atributos perdidos com a Queda,
e quando se desfizerem as nações instaladas ao depois de Babel?
Quando toda a confusão for desfeita,
o poeta não falará, do ponto em que se encontrar,
a todos os homens da terra, numa só língua – a linguagem do Espírito?
Se por acaso viveis mergulhados no momento e no limite,
não me compreendereis, irmão!

SABEDORIA

Se me perguntares que é que desejo,
eu Te responderei – Sabedoria,
para que não seja um homem seco e de uma só visão,
e possa conservar a poesia ao meu lado sem a ciência a abafar;
e, se me perguntares que é que desejo por acréscimo,
digo-Te que desejo sabedoria porque com Tua sabedoria
tudo me virá, depois!
E a tudo poderei responder, e meus membros se multiplicarão
e eu serei numeroso, depois!
Se me deres sabedoria defenderei Teu Templo
e enxergarei a Verdade dentro da confusão.
E poderei ter respostas à que vier de Sabá,
e farei desta Musa uma das Tuas musas
entre as musas que Te glorificarão!
Dá-me sabedoria para que a poesia tenha a Tua marca, Senhor!

CRISTO-PEIXE

Eu vos darei o Peixe, ó famintos de todas as idades,
ó desvalidos de todos os países,
ó miseráveis de todas as cores e de todas as raças!
E dividirei esse único Peixe que nasceu antes da primeira água
e que continuará depois da última fonte,
entre vós todos que tendes fome ou que estais fartos.
E todos ficarão mais que saciados diante do mar posterior ao Peixe.
E depois convidarei as aves dos céus para comer as migalhas,
porque o Peixe é o alimento do mundo.
E depois convidarei os próprios peixes dos mares
para tragarem o pássaro farto que não puder
voar sobre a onda, porque no voo do pássaro ia uma partícula do Peixe.
E depois convidarei as águas dos mares, dos rios, dos poços,
das fontes humildes para serem animadas outra vez como nas origens
pelas partículas infinitesimais e infinitas do primeiro Peixe
que alimentou as águas donde proveio a Vida.

A PROMESSA

O Sumo-Sacerdote, o Principal, o Majestoso Oficiante,
o Bispo, o Presbítero estavam no Padre-Único que subiu para o Altar.
Era belo, era meigo, era homem e era Deus,
era um ângulo da Trindade enfincado na Pedra
como um cometa imenso iluminando a Terra.
E detrás do imenso altar,
vozes o acusaram, mãos surgiram e lhe transpassaram o peito.
E o Majestoso Oficiante se transformara em vítima;
e nas mãos que o sacrificavam
estavam as suas próprias mãos que eram as mãos do Pai,
com a promessa milenar que se cumpria então.

MARTA E MARIA

Tu tens nas tuas mãos as duas irmãs de Cristo:
a que escreve, a que trabalha, a que propaga a palavra
divina, a que louva e proclama a sua glória e a sua
poesia; e a que silenciosa ampara a tua fronte pendida
onde irão cravar uma coroa de espinhos.

ALTA NOITE QUANDO ESCREVEIS

À Senhora Heitor Usai

Alta noite, quando escreveis um poema qualquer
sem sentirdes o que escreveis,
olhai vossa mão – que vossa mão não vos pertence mais;
olhai como parece uma asa que viesse de longe.
Olhai a luz que de momento a momento
sai entre os seus dedos recurvos.
Olhai a Grande Mão que sobre ela se abate
e a faz deslizar sobre o papel estreito,
com o clamor silencioso da sabedoria,
com a suavidade do Céu
ou com a dureza do Inferno!
Se não credes, tocai com a outra mão inativa
as chagas da Mão que escreve.

NO TEMPO DOS REIS

Perto do Palácio do Rei existia a vinha de Nabote
para tentar a cobiça do Rei.
Perto do Palácio do Rei havia o banho da mulher de Urias
para tentar a luxúria do Rei.
E perto do palácio do Rei havia o templo
para tentar a soberba do Rei.
E em todas estas terras alheias
o Rei se substituiu como dono,
como esposo e como deus.
E era no tempo em que os reis eram muitos
e o Senhor praticava experiências nos Reis para seu povo.

O NECESSÁRIO AUXÍLIO NA GUERRA

Senhor! eu nunca inventei arma de guerrear ou de sacrificar
ninguém
ou de derramar o sangue de meu próximo,
mas se aparecer o gigante que tem seis dedos em cada mão
e cuja lança é como um cilindro de tear,
ensina-me astúcias para guerrear;
e se depois de abater em defesa do espírito criado,
aquela montanha de matéria animada,
descer da colina o segundo golias que tem seis côvados e um
palmo de altura
e cuja lança pesa seiscentos siclos de ferro;
e desafiar os meus iguais no espírito
durante quarenta dias e quarenta noites para uma luta singular,
serei forte se me deres uma pedra e mão certeira, para que ao
cair da tarde,
eu entregue às aves do céu e aos animais da terra,
a cabeça que ameaçou teus filhos, meus irmãos.
E, se com o teu auxílio eu vencer o segundo gigante;
e então o terceiro que é fornecido pelos deuses pagãos,
pelos bezerros de ouro e pelos ídolos sanguinários da guerra,
descer dos montes para me esmagar,
ó Deus dos exércitos, fornece-me armas que o meu arsenal és
Tu!

CERIMÔNIA DO LAVA-MÃOS

És por acaso um destes homens que inventaram canhões ou
alguma metralhadora ou guilhotina ou máquina de derramar
sangue?
Se és, vem que te lavarei as mãos.
Se és por acaso um destes homens que empilham dinheiro ou
tiram da boca faminta o pão escasso ou descobrem a carne
friorenta,
vem que te lavarei as mãos.
Se és por acaso um destes homens que puxam a corda da forca
ou manejam as molas das cadeiras elétricas ou brandem as
machadinhas das execuções,
vem que te lavarei as mãos.
Se és por acaso um destes homens que tem garras nos membros
e o sangue de Abel inda fresco entre os dedos, vem que te lavarei
as mãos.

INVOCAÇÃO A ISRAEL

Israel, povo da escolha de Deus, fonte da grande poesia,
da grande inquietação,
da grande tragédia, povo de eterno exílio e de perene caminhada,
que representas o passado, o presente e o futuro
a quem nós gentios devemos a poesia que continuará;
eu te convoco, carne e sangue do Messias ressurrecto
que à direita do Pai inda te espera um dia.
Tua nação extratemporal aguarda-te, povo duro e rebelde,
povo contraditório, povo destinado desde o princípio e demitido
e readmitido,
e tenaz como a vinha do Senhor e eterno como o testemunho do
Senhor.
Sinto-me enxertado em ti, nasço de tuas raízes espirituais como
nasço da verdade una, continuada e permanecida em mim.
Por que afastaste de ti a face familiar de Deus?
Por que rondas, filho pródigo, faminto das profecias?
Por que vagas no teu próprio deserto interior
com a nostalgia da Casa Paterna que abandonaste?
Volta com tua sabedoria e tua vocação
e tua primazia entre os povos,
volta para o Corpo místico
de que te amputaste para te recompores em vão.
Povo que mataste teus profetas
E, grande comparsa da Tragédia, imolaste o Mestre dos teus
profetas,
regressa à raça de Deus de que abdicaste enganado pelos
homens da Lei;
e te ensinaremos a nova medida da Poesia e da Sabedoria

e da Igualdade para a Grande Comunhão.
Ó povo estrangeiro no mundo,
o Eleito da grande poesia que transcende o tempo e o espaço,
acompanha-te porque aumentas a sua insaciedade
e o aturdes com o mistério e com as sentenças do início;
porque és potencial de que ele é sequência
e desdobramento nas escalas de Deus;
porque foste, és e serás Testemunho da história de seu único
Mestre;
e como o poeta és visado e estrangeiro no mundo.
Vem que te mostraremos o caminho da Comunidade,
e em troca de tua Sinagoga longínqua
te ofertaremos a tríplice Igreja iluminada
e te investiremos com a Túnica Inconsútil que enjeitaste.

ANUNCIAÇÃO E ENCONTRO DE MIRA-CELI

35

Estes cinco pães e estes cinco peixes
são semelhantes a todos os pães e a todos os peixes deste mundo.
Distribuo-os a cinco fomes semelhantes;
a todas as fomes absolutamente semelhantes no mundo.
As fomes dos cinco continentes, as fomes dos cinco mundos espoliados
pelos cinco demônios ladrões de peixes e de pães.
Em minhas mãos estes cinco peixes representam
um oceano salgado de lágrimas.
E estes cinco pães são como cinco trigais devastados pelo fogo das guerras.
Há um momento em que das hastes do trigo
brotam pães semelhantes a peixes;
e os trigais oscilam,
como vagas de mãos acenando para os céus.
Desce dos céus trigo para as almas famintas de peixes
que voam como peixes voadores sobre os mares encapelados
– mares encapelados, semelhantes
a trigais ondulantes em que voam pombas,
– pombas semelhantes ao Paracleto,
ao Peixe Voador,
ao Cristo,

ao Cristo multiplicado e distribuído em mim.

53

Sei que esperavas desde o Início
que eu te dissesse hoje o meu canto solene.
Sei que a única alma que eu possuo
é mais numerosa que os cardumes do mar.
Sei que a amplidão guarda o seu orvalho
para regar meus lábios.
Sei que és uma Paixão mais funda que a sede
e mais funda que o sexo.
Digo que Teu Espírito desce sobre todas as águas
e que há charcos redimidos no meu canto de hoje.
Digo que a Vida é uma dança de bugres,
mas que me deste um barco para eu fugir de mim.
Creio que um ovo de formiga
tem mistérios como um ovo de sol.
Peço que as estrelas se afastem
para eu ver-Te a Face.
Ó Deus,
passeia teus amados pés
sobre a minha face morta!
As aves que vão sair de meu canto eram lírios outrora.
Hoje são potros de ferro que retinem no ar.
Todos os moldes são outros.
Aqui está uma janela aberta para o primeiro dia,
e aquela rampa deserta tem escadas ocultas.
Alta noite surge a Fé ao fim da praça imensa,
como uma catedral envolvida de velas:
As ogivas retomam o meu canto que Abel entoava apascentando ovelhas

Cada pedra possua o seu pelo de musgo,
que o mundo repouse num só abraço centrífugo
e que a humanidade seja uma imensa esfera inconsútil.
Em contacto com os ventos ela soará meu canto
que subirá a Ti como flechas saídas
de um São Sebastião vivo.
Sei que sou o limo em que semeaste o Trigo para Tuas ceias:
mas eu cresço e amaduro sobre Tua mão,
e Teu hálito ao descer sobre mim, é o meu canto solene.
Digo que sou um candelabro que se queima até à morte.
Vejo os que se apagaram e se reacenderam a Teus pés,
e os que cobrirão os espaços desertos sobre os polos da terra.
Ó Deus,
passeia Teus amados pés
sobre minha face morta!

54

Ó poeta, Deus dá e Deus retira;
mas, quando pensares que tua solidão centuplicou,
ele te ofertará a morte, porque só na morte é que reside a grande alegria.
Deus acaba de encostar-te às pedras de tua tumba:
os teus olhos estão nevados, a tua voz estancou;
nem te lembras mais de que pátria acabas de emigrar.
Deus olha o osso triangular de tua fronte:
Apenas Ele toque as tuas pálpebras descidas,
poderás ver entre as costelas poentas teu coração quieto
e teu instinto como um pássaro assustado sem se poder ocultar.
Teu orgulho milenar se reduziu a bolor,
as flechas arremessadas jazem cravadas em teu ventre ressequido.
Mas estarás alegre, porque só na morte reside a grande alegria.
Estarás vivo, porque só na morte se inicia verdadeiramente a vida.
Só os mortos veem, porque a sua visão não depende do olhar.
Somente eles é que ouvem, porque há sons novos que surgiram com a morte.
Somente eles se movem, porque a levitação começou.
Somente eles amam sem desejo de correspondência amorosa,
sem a dor das grandes esperas e das grandes vigílias.
Já não podem pedir nem se arrepender nem voltar.
Só as suas presenças tem as medidas que eles alcançaram em vida,
pois já devolveram ao cansado planeta
as lamúrias de suas próprias criações.
Eles têm em sua essência imortal

a tranquilidade de tudo o que foi predito desde o primeiro dia,
a serenidade dos que nada têm que reclamar.
As suas mãos temem o contacto dos contornos terrenos.
O lenho de que foram feitos prefere a luz ou o fogo
à lama da miséria abatida.
Mas o poeta está alegre, pois só na morte reside a grande alegria.

56

Os grandes poemas começam com a nossa visão desdobrada.
Aqui já não sofremos a contingência de escrevê-los,
e notamos que a mais alta significação da poesia
quase nunca pode ascender da terra.
Aqui todos os seres têm fisionomias familiares
e nossos corpos comunicantes transparecem a unidade
inconsútil.
Sentimos uma dilatação total que nos torna infinitos,
abrigamos os galopes das várias vidas que cruzam os desertos do
mundo.
Os nossos dedos são chaves de mistérios;
perpassa sobre as nossas frontes
a linha de flutuação da memória desde o Início;
tudo começa a nascer neste berço amoroso.
Saem larvas de chama de dentro de nossas bocas.
Só a eternidade é virgem e está sempre nascendo
sem hiatos, sem pausas, sem o perpassar dos dias.
Sentimos milhares de irmãos acariciando nossos lábios.
Sentimos as nossas noivas e nossas esposas aos milhares
acariciando os nossos ventres.
As nossas mães aos milhares estão súcubas em nossos flancos:
Os mais puros poemas brotam de nossos sopros.
Através de nossos olhos, através de nossos peitos,
através de nossos pés passam os meridianos da Imortal
Trindade.
Subimos em espiral e em cada volta descrita
nos encontramos de novo, frente a frente, mais puros.
As leis da gravidade foram quebradas sobre as pedras das

tumbas.
Superamos o homem e o jugo do horizontal:
o sentido da Trindade Perfeita é para cima, para cima, para cima.

INVENÇÃO DE ORFEU

CANTO VI
Canto da Desaparição

2

Heróis existem os como:
meninos, lírios, pomares,
bonanças de vário tomo,
calmos montes, doces ares,
naves, mãos, mesas unidas,
berços, ninhos, mansas lidas:
heróis existem os como:

esse ladrão que precisa,
esse operário que luta,
essa santa prostituta,
esses simples puros sóis,
precisar esses heróis
esse poema precisa

enforcar quem hoje enforca
quem destruiu continentes:
essa Lídice, esse Lorca,
quem inventou as sementes
das estrelas venenosas
uranadas rubras rosas,
enforcar quem hoje enforca

não só com laços de corda,
mas apagar esse mundo
do mundo que hoje acorda,
e dar-lhe um canto jucundo
de guerra contra guerreiros,
de poetas e cordeiros,
cordeiros que fazem corda

para unir os corações,
cordeiros das horas calmas,
ponteiros de carrilhões,
cordas perenes das almas,
almas em Cristo acordadas,
prudentes chamas moldadas
em forma de corações;

corações existem como
os pomos desses pomares
da forma de um mesmo pomo
nascido nos mesmos ares,
servido numa só mesa,
um só pomo com certeza,
comemos, comeste, como.

CANTO X
Missão e Promissão

20

No momento de crer,
criando
contra as forças da morte,
a fé.

No momento de prece,
orando
pela fé que perderam
os outros.

No momento de fé
crivado
com umas setas de amor
as mãos
e os pés e o lado esquerdo
Amém.

BIBLIOGRAFIA

LIMA, Jorge de. Anunciação e encontro de Mira-Celi. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LIMA, Jorge de. Invenção de Orfeu. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

LIMA, Jorge de. Obra Poética. Org. de Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro: Getulio Costa, 1949.